CARNIEPUNK:

Parlor Tricks

AN ELEMENTAL ASSASSIN SHORT STORY FROM
THE CARNIEPUNK ANTHOLOGY

Jennifer Estep

NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR



VOCÊ OUSA ENTRAR NO MUNDO DO
PARQUE DE DIVERSÕES ITINERANTE?

É um resquício de uma era passada, uma curiosidade à espreita na periferia da cidade. É um lugar de contradições, onde as luzes brilhantes mascaram a pintura descascada e um carnie[1] de macacão gorduroso retira-se enquanto o divulgador encanta os caipiras com o seu sedutor chamado. Aqui, é preciso permanecer alerta e aprender as regras não escritas antes que seja tarde demais. Para vencer o Parque de diversões, é melhor ter muita sorte ou um monte de armas – ou talvez um pouco de magia própria.

Apresentando histórias grotescas e cômicas, ultrajantes e repletas de ação, Carniepunk é a primeira antologia a canalizar a energia e a atitude da fantasia urbana para o mundo bizarro do parque de diversões de máquinas rangentes, mitos distorcidos e novas e vívidas magias.

“TRUQUES DE SALÃO”

Uma História Curta de Elemental Assassin

Jennifer Estep

— Um parque de diversões? Mesmo?

A detetive Bria Coolidge olhou para mim. — Você não gosta de parques de diversões?

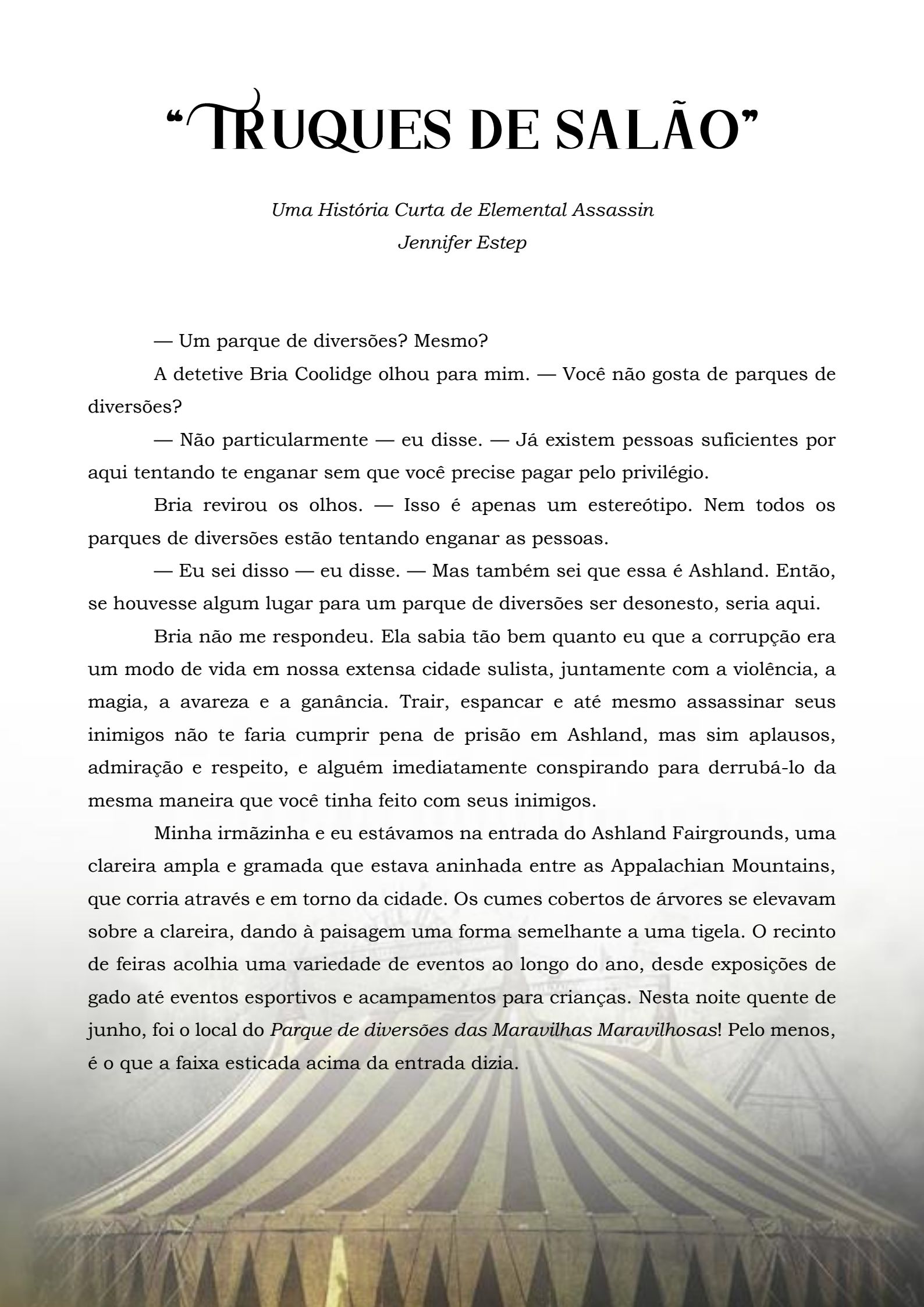
— Não particularmente — eu disse. — Já existem pessoas suficientes por aqui tentando te enganar sem que você precise pagar pelo privilégio.

Bria revirou os olhos. — Isso é apenas um estereótipo. Nem todos os parques de diversões estão tentando enganar as pessoas.

— Eu sei disso — eu disse. — Mas também sei que essa é Ashland. Então, se houvesse algum lugar para um parque de diversões ser desonesto, seria aqui.

Bria não me respondeu. Ela sabia tão bem quanto eu que a corrupção era um modo de vida em nossa extensa cidade sulista, juntamente com a violência, a magia, a avareza e a ganância. Trair, espancar e até mesmo assassinar seus inimigos não te faria cumprir pena de prisão em Ashland, mas sim aplausos, admiração e respeito, e alguém imediatamente conspirando para derrubá-lo da mesma maneira que você tinha feito com seus inimigos.

Minha irmãzinha e eu estávamos na entrada do Ashland Fairgrounds, uma clareira ampla e gramada que estava aninhada entre as Appalachian Mountains, que corria através e em torno da cidade. Os cumes cobertos de árvores se elevavam sobre a clareira, dando à paisagem uma forma semelhante a uma tigela. O recinto de feiras acolhia uma variedade de eventos ao longo do ano, desde exposições de gado até eventos esportivos e acampamentos para crianças. Nesta noite quente de junho, foi o local do *Parque de diversões das Maravilhas Maravilhosas*! Pelo menos, é o que a faixa esticada acima da entrada dizia.



Bria estacionou o seu sedan no terreno de cascalho, e nós entramos no fluxo de pessoas que se dirigiam para a cerca branca que delimitava a clareira. A maioria dos outros frequentadores do parque de diversões eram famílias com crianças pequenas ou adolescentes mal-humorados que queriam fugir dos olhos atentos da mãe e do pai por algumas horas. Bria parecia um pouco fora de lugar com seus jeans, sua camisa azul de botão e o distintivo dourado de detetive brilhando em seu cinto, bem ao lado da sua arma no coldre. Eu também, com minhas botas, jeans e camiseta preta de mangas compridas.

— Bem, olhe para isto deste modo — Bria disse em uma voz alegre. — As chances de alguém aqui saber quem você é são poucas. Se nada mais, você pode simplesmente relaxar e não ter que se preocupar com alguém tentando matá-la esta noite.

Heh. Eu não contaria com isso.

Durante o dia, eu era Gin Blanco, dona do restaurante de churrasco Pork Pit. De noite, nas sombras, eu era a Aranha, a mais notória assassina de Ashland. Na verdade, acho que hoje em dia eu estava mais para infame do que notória, já que a maioria do submundo pensava – ou pelo menos suspeitava – que eu era a Aranha, a mulher que matou a poderosa Elemental do Fogo, Mab Monroe, no inverno. Como um resultado, muitos dos senhores e senhoras do crime tinham enviado homens atrás de mim, tentando me matar, nos últimos meses. Com a morte de Mab, todos os chefes e agitadores do submundo estavam lutando pelo poder, e alguns deles pensavam que o assassinato da Aranha iria contribuir muito para cimentar sua posição como o novo chefe da cidade.

— Gin?

— Ok, ok — eu resmunguei. — Você está certa sobre isso. Eu duvido que algum dos chefes do crime e seus capangas vão estar aqui esta noite.

Um palhaço com um macacão de algodão azul e branco, uma camisa azul e botas marrons que eram cerca de cinco vezes do tamanho normal veio gingando em nossa direção. Pedaços de palha presos nos bolsos de sua macacões, enquanto um chapéu de palha surrado estava empoleirado em cima de sua peruca vermelha encaracolada. Maquiagem de palhaço branca cobria o rosto, embora tivesse começado a escorrer por causa do calor. Seus lábios vermelhos grandes e pintados

estavam curvados em um sorriso enorme, embora as lágrimas vermelhas e azuis também cobrissem seu rosto, como se ele não soubesse se queria rir ou chorar. Eu definitivamente choraria se tivesse que andar por aí nessas roupas. Ou mataria a pessoa que me fez usar isso. Isso definitivamente iria virar minha carranca de cabeça para baixo.

Bria sorriu para ele, o que o palhaço tomou como um convite para dançar ao nosso redor, zombando com suas botas enormes. Finalmente, ele alcançou dentro de seu macacão. Eu fiquei tensa, pronta para enfrentá-lo se ele viesse com uma arma, mas ele estava apenas tirando um balão vermelho escondido no meio da palha. Ele gastou quase dois minutos não tão comicamente bufando e soprando, tentando explodi-lo, antes de finalmente conseguir. Então, ele dançou em torno de nós novamente e começou a torcer o balão no formato de um homem.

Quando ele terminou, o palhaço se aproximou de mim, provavelmente na esperança de me fazer sorrir e ri como Bria.

— Vá embora — eu rosnei. — Ou você vai chorar lágrimas de verdade quando eu fizer você comer esse balão.

O palhaço franziu a testa, não muito certo se eu estava brincando, mas eu deixei a frieza penetrar nos meus olhos cinza, e ele entendeu a mensagem. Ele enfiou o balão dele debaixo do braço e rapidamente se afastou de mim.

— Você tinha que fazer isso? — Bria perguntou, exasperação rastejando em sua voz leve. — Ele é um palhaço. Ele estava apenas tentando fazer o seu trabalho e entretê-la.

— Não, eu não tinha que fazer isso, mas eu não gosto de palhaços.

— Existe alguma coisa sobre parques de diversões que você gosta?

Eu pensei sobre isso, então me animei. — Salsicha empanada. Se não estiverem muito gordurosas.

Bria balançou a cabeça.

— Olha, me desculpe. Mas quando você disse que queria que eu te ajudasse com algo, eu não esperava isso. Por que estamos aqui, afinal?

— Porque eu tenho um relatório sobre uma menina desaparecida, e este é o último lugar onde ela foi vista. — Bria colocou a mão no bolso de trás da calça jeans, tirou uma foto e entregou para mim. — O nome dela é Elizabeth Robbins. Dezesseis anos. Os pais morreram em um acidente de carro seis meses atrás. Ela mora com a tia, Fran, que é uma das despachantes do departamento de polícia.

Fran disse que deixou Elizabeth aqui com algumas amigas na noite passada. Os amigos e Elizabeth se separaram, e ninguém mais a viu desde então.

— O que mais Fran disse?

— Ela disse que Elizabeth estava agindo um pouco diferente ultimamente, matando aulas, coisas desse tipo — respondeu Bria. — Mas ela disse que Elizabeth sempre faz o check-in e avisa a Fran onde ela está e que não é típico dela simplesmente desaparecer.

— Eu estou supondo que os seus colegas da polícia não estão muito preocupados com uma menina desaparecida — eu disse. — Pelo menos, não uma que não é relacionada a alguém rico e importante, mesmo que sua tia trabalhe para o departamento de polícia. Eles provavelmente a rotularam como fugitiva.

Ela assentiu. — Você acertou.

Como quase todas as outras instituições em Ashland, o departamento de polícia tinha mais do que sua parcela de corrupção. A maioria dos membros da po-po recebia subornos para olhar para o outro lado, mas minha irmã era uma das poucas boas e honestas policiais da força.

Eu olhei para a foto. Elizabeth Robbins era uma garota bonita. De fato, com seus cabelos loiros e olhos azuis, ela se parecia muito com Bria. Ela estava até usando um colar, do jeito que Bria sempre fazia, embora o de Elizabeth fosse um pequeno coração de diamante em vez da runa de prímula de silverstone de Bria. Mas a câmera capturou o aperto em seus traços jovens e as sombras que nublavam o seu olhar. Essa era uma garota que ainda estava de luto por seus pais. Eu conhecia a sensação, já que a minha mãe e a minha irmã mais velha também haviam morrido quando eu era jovem.

Comecei a devolver a foto para Bria, mas ela balançou a cabeça.

— Pode mantê-la. Eu tenho uma cópia. — Ela colocou a mão no bolso de trás e tirou outra foto.

Eu arqueei uma sobrancelha. — Então você sabia que eu te ajudaria depois que você me mostrasse a foto dela. Eu já te contei o quanto você é excelente em manipulação emocional?

Bria sorriu.

— Bem, vamos começar — eu disse. — Antes que aquele palhaço volte.

* * *

NÓS PASSAMOS a próxima hora vagando de um lado para o outro do recinto da feira, olhando para todas as atrações do parque de diversões. Estandes de jogos, barracas de comidas, uma roda-gigante e outros brinquedos giratórios alinhados de ambos os lados de uma longa via. Os caminhos menores se ramificavam da rua principal e levavam a outras áreas, incluindo uma casa de espelhos, uma tenda onde um mago fazia truques e um minizoológico. Como o palhaço, tudo tinha um toque sulista, dos amendoins cozidos e assados vendidos nas barracas de comidas, até os arrastados e fanhosos sotaques dos trabalhadores do parque de diversões, passando pela montanha-russa Mountain High, que, na verdade, não era mais do que um cume.

Mas o parque de diversões realmente tinha algumas maravilhas maravilhosas, graças a todos os usuários de magia na equipe. Os Elementais de Fogo faziam as chamas dispararem das pontas dos dedos antes de formarem bolas do Fogo cintilante e depois fazerem malabarismos com elas. Multidões de crianças gritaram de excitação quando um Elemental do Ar pegou um grupo de balões coloridos de animais e fez as criaturas flutuarem para cima e para baixo e fazerem acrobacias na brisa, como se os ursos, leões e tigres de plásticos azuis e rosas estivessem envolvidos num combate aéreo à moda antiga. Anões, gigantes mulheres fortes[2], erguiam carros em miniatura cheios de palhaços sobre suas cabeças. Houve até um concurso de bebida para vampiros para ver quem na multidão poderia tomar a maior quantidade de sangue em dois minutos. O vencedor ganhou um morcego gigante de pelúcia.

Eu deixei Bria assumir a liderança. Ela mostrou a foto da menina desaparecida para os trabalhadores do parque de diversões, mas todos eles balançaram a cabeça e disseram que não se lembravam de ter visto Elizabeth. Nada incomum. Era sexta-feira à noite, e o parque de diversões ficava mais lotado a cada minuto. Os trabalhadores estavam correndo para vender comida para as pessoas, levá-las nos brinquedos, e envolvê-las - e a gastarem os seus dólares – em jogos.

Mas quanto mais Bria perguntava às pessoas sobre a garota, mais eu ficava convencida de que algo estava errado.

Por um lado, todo mundo era muito *amigável*. Em vez de ficarem chateados por Bria os ter interrompido, todos sorriram e educadamente acenaram para ela.

[2] No original “strongwomen”. Seriam mulheres que realizam proezas de força num espetáculo ou circo.

Claro, ela era uma detetive, mas eles tinham clientes para atender e dinheiro para ganhar. Eles deveriam ter ficado mais chateados por ela estar cortando suas margens de lucro. Depois havia o fato de que os membros da equipe estavam passando sinais uns para os outros. Assim que Bria começava a passar para o estande seguinte, o trabalhador que ela tinha deixado para trás puxava um celular e escrevia alguma coisa ou fazia um gesto com a mão para outro membro do parque de diversões ali perto. Agora, isso poderia ser uma coisa padrão: seja gentil com a po-po ou com qualquer outra pessoa fazendo perguntas, mas avise do mesmo jeito. Ainda assim, a coisa mais reveladora era a maneira como todos trabalhadores olhavam para a foto e desviavam o olhar e como os sorrisos caíram de seus rostos no segundo em que Bria dava as costas para eles.

Oh, sim. Algo estava *definitivamente* errado aqui.

Bria terminou de falar com o vampiro que estava gerenciando o jogo de argolas. Ele partiu para dar algumas argolas de metal a um grupo de crianças para atirarem nos postes que eram os alvos. Ela o observou por alguns segundos, depois virou-se para mim.

— Você tem a sensação de que todas essas pessoas sabem mais do que estão dizendo? — Ela perguntou em voz baixa.

— Absolutamente — eu respondi. — Sem mencionar o fato de que todos estão nos observando.

Os olhos de Bria cortaram para a esquerda e para a direita enquanto descíamos a rua. O rosto dela se contraiu quando notou todos os olhares furtivos que vinham dos trabalhadores, especialmente porque olhavam para ela mais do que para mim, com suas feições sombrias, perturbadas e distorcidas pelo medo. Eu me perguntei se era por causa do distintivo em seu cinto ou por qualquer outro motivo. Talvez estivessem nervosos porque ela era policial. Ou talvez eles estivessem preocupados que ela descobrisse o que aconteceu com Elizabeth Robbins – e a parte deles nisso.

De qualquer forma, Bria continuou mostrando a foto da garota e perguntando sobre ela. Eu vigiava as costas da minha irmã, pronta para pegar uma das cinco facas de silverstone que eu tinha comigo – duas na minha manga, uma nas minhas costas e duas em minhas botas. Minhas armas de escolha como a Aranha. Mas todos permaneciam tão doces quanto o algodão doce que vendiam, e ninguém fez nenhum movimento sinistro. Ainda assim, achei que era apenas uma

questão de tempo até que alguém tentasse alguma coisa – e eu estaria preparada para eles quando o fizessem.

Finalmente, por volta das nove horas, uma corneta soou e todos se dirigiram para o centro do parque, onde uma série de arquibancadas de madeira tinha sido disposta em torno de um palco circular. Bria pegou um dos panfletos rosa que os palhaços estavam distribuindo, e leu o anúncio colorido e chamativo.

— Diz que este é o show principal — disse ela enquanto subíamos para a fila de cima. — E que deveríamos estar preparados para ficar admirados e espantados.

— Admirados e espantados. Checado.

Nós nos sentamos, e os holofotes vermelhos, azuis e verdes focados no palco diminuíram, e as sombras caíram sobre o recinto, fazendo a multidão se aquietar lentamente. Uma luz branca solitária se acendeu, destacando o centro do palco. Um baixo rufar de tambores soou, aumentando lentamente, mais alto e mais alto, até que meu cérebro batia por causa do som sinistro...

BANG!

A explosão brusca e súbita foi ainda mais forte que o rufar de tambores e o barulho se espalhou pelo recinto, ecoando nos cumes que cercavam a clareira e voltaram a descer. Por um momento, tudo ficou escuro, fazendo mais do que algumas pessoas gritarem de surpresa. Então, o holofote solitário se iluminou novamente. Uma fumaça verde-pálida subia no céu noturno estrelado e uma mulher apareceu no meio do palco em meio à música triunfante.

Ta-da.

A mulher usava um paletó vermelho curto de mestre de cerimônias sobre uma camisa de seda branca e babados curtos de cetim preto. Meias negras cobriam suas pernas magras e longas, enquanto um par de botas pretas lhe davam mais alguns centímetros de altura. Ela se curvou, tirando a cartola preta alta e mostrando o seu cabelo, que era um rico loiro morango e empilhado em cima da sua cabeça em uma série artística de cachos macios.

— Eu pensei que isso era um parque de diversões, não um circo — Eu murmurei para Bria.

— Shhh.

A mulher se endireitou. Ela acenou com a mão, e uma brisa de verão soprou através da arena, arrancando todos os finos fios de fumaça verde que pairavam

sobre o palco. Então ela era uma Elemental do Ar, e forte, a julgar pela violenta explosão de poder que senti rolando dela. Eu era uma Elemental, dotada de magias de Gelo e Pedra. Desde que meus elementos eram o oposto do dela, o poder de Ar da mulher parecia agulhas invisíveis esfaqueando a minha pele. Sua magia também fez as cicatrizes incrustadas nas minhas palmas coçarem e arderem. Cada uma das marcas tinha a forma de um pequeno círculo cercado por oito raios finos – uma runa de aranha, minha runa, o símbolo da paciência. Algo que eu precisaria muito se esse show fosse tão extravagante e exagerado quanto o resto do parque de diversões.

Eu me mexi no meu lugar, tentando me afastar da sensação desconfortável do poder da outra Elemental, embora eu soubesse que isso desapareceria assim que ela parasse de usar sua magia. Ao meu lado, Bria fez a mesma coisa, já que ela também tinha magia de Gelo. Ela não gostava da sensação do poder de Ar mais do que eu.

— Saudações, caros amigos! — A mulher proclamou com uma voz quase tão alta quanto a explosão de fumaça. — Eu sou Esmeralda, a Incrível, e estou aqui para recebê-los em nosso maravilhoso festival!

A multidão educadamente bateu palmas. Esmeralda sorriu e curvou-se novamente, aceitando os aplausos.

— E agora — ela ronronou — estejam preparados para ficarem admirados… e espantados!

A animada música de desenho animado ganhou vida, e os holofotes coloridos aumentaram de um lado para o outro enquanto uma variedade de artistas corriam, cambaleavam, pulavam, e faziam piruetas no palco. Durante a meia hora seguinte, Esmeralda narrou a ação enquanto os membros do parque de diversões faziam uma apresentação após a outra. Palhaços gozaram e tentaram escapar dos homens e mulheres fortes que os jogavam para a frente e para trás como bonecos de pano. Os acrobatas tombaram cambaleando antes de formarem pirâmides humanas oscilantes, enquanto um sujeito persuadiu um urso preto a rolar para trás e para frente em cima de uma enorme bola vermelha com estrelas brancas. Havia até uma mulher vestida como uma super-heroína – Karma Girl, eu acho – que foi disparada de um canhão.

Ao meu redor, as pessoas riram e torceram, aplaudiram e assobiaram. Mas afastei a cacofonia e olhei para as luzes brilhantes e o borrão de movimento no

palco. Um por um, meus olhos examinaram as sombras e todos os trabalhadores nos bastidores cuidando das luzes, sistema de som, canhões de fumaça e todas as outras coisas que entraram em tal produção.

Eu me perguntei se foi para *lá* que Elizabeth tinha sido levada.

Seria fácil sequestrar alguém na multidão. Uma vez que a noite já tinha caído, e todas as luzes focadas no palco, sombras profundas e escuras rodeavam as arquibancadas. Tudo o que você tinha que fazer era esperar que alguém se levantasse para pegar uma bebida ou um lanche, segui-lo embaixo das arquibancadas e roubá-lo, assassiná-lo ou levá-lo para paradeiros desconhecidos. Já que o corpo de Elizabeth não tinha sido encontrado, eu estava assumindo que quem quer que tenha a sequestrado tinha seguido com a terceira opção.

Eu me perguntei o que é que eles queriam com a garota. Muitas coisas terríveis aconteciam em Ashland diariamente. Espancamentos, roubos, assassinatos. Talvez Elizabeth tivesse chamado a atenção de um sujeito desagradável. Talvez alguém tenha tentado assaltá-la e ela tenha reagido. Talvez ela tenha visto algo que ela não deveria. Qualquer um desses ou uma dúzia de outros cenários poderiam ter ocorrido, e eu não tinha como saber qual deles.

A única coisa que eu sabia era que algo estava acontecendo neste chamado Parque de diversões das Maravilhas Maravilhosas. Os trabalhadores tinham sido muito educados com Bria e muito preparados para dizerem que não tinham visto nada, quase como se estivessem esperando esses tipos de perguntas sobre uma menina desaparecida. De fato, a coisa toda parecia um treino que eles haviam passado muitas vezes antes, até a rapidez das suas respostas de negação.

Finalmente, os palhaços, o urso dançarino e os outros artistas deixaram o palco, deixando Esmeralda sozinha mais uma vez.

— E agora a nossa performance final da noite — disse ela.

O palco ficou escuro. A música bombástica aumentou por alguns segundos, antes de dar lugar àquele rufar de tambores crescente. As luzes diminuíram novamente, então...

BANG!

— A Roda da Morte! — Esmeralda gritou.

Um holofote se acendeu, destacando uma grande roda branca com quatro raios, dois no topo e dois na parte inferior. A multidão esbravejou e se animou na hora.

Esmeralda estendeu a mão e outro holofote iluminou o palco. — Por favor, deem as boas-vindas a Arturo, o mais magnífico Bladesman!

BANG!

Mais barulho, mais fumaça, mais teatralidade. Esmeralda usou outra explosão de sua magia do Ar para afastar a fumaça, e um homem apareceu no segundo holofote – um gigante de quase dois metros de altura, cabelo preto penteado para trás e um longo bigode negro que se enrolava nas pontas. Ele estava vestido com uma camisa de seda verde sem mangas e calças pretas, mas a coisa mais interessante sobre ele era a faixa de couro preta que ele havia colocado sobre o peito largo e musculoso – uma que praticamente se eriçava com facas.

Eu me animei. Eu gostava de facas.

Bria notou meu súbito interesse no show. Eu não conseguia ouvir acima do barulho da multidão, mas eu pensei que ela bufou, ou com desgosto ou diversão. Eu não tinha certeza de qual.

— E agora, senhoras e senhores — proclamou Esmeralda, — observe com espanto e admiração enquanto eu enfrento a Roda da Morte!

A multidão soltou oh e ah, enquanto Arturo pegava o braço de Esmeralda e a acompanhava até a roda. Ela jogou a cartola no meio da multidão, mandou um beijo para todos, depois virou-se e encostou-se na roda. Ela estendeu a mão e agarrou duas alças no topo enquanto descansava suas botas contra os dois raios na parte inferior, formando uma estrela com seu corpo. Um dos palhaços subiu no palco e começou a girar uma manivela para fazer a Roda da Morte girar e girar.

Arturo e Esmeralda gracejaram entre si por um minuto antes de o gigante tirar uma das facas da sua faixa. Ele usou-a para cortar uma maçã que outro palhaço lhe entregou, supostamente provando quão afiada era a arma, depois voltou sua atenção para Esmeralda. Arturo segurou a sua faca e franziu o cenho, suas sobrancelhas negras se unindo em concentração exagerada, como se esta fosse a primeira vez que ele faria esse truque.

Thunk!

Uma faca pousou ao lado do braço direito de Esmeralda, a poucos centímetros do seu pulso delicado.

Thunk!

Outra faca, esta perto do seu pulso esquerdo.

Thunk!

Thunk!

Mais duas facas, uma em cada lado das suas pernas.

E assim por diante, a multidão ofegando a cada arremesso, até Arturo ter usado todas as facas da sua faixa e a Roda da Morte parecer mais uma almofada de alfinetes do que o compensado barato que era. Finalmente, a engenhoca parou e Esmeralda saiu. Desta vez foi ela quem arrancou uma faca da madeira. Ela se virou para encarar Arturo, e a multidão coletivamente respirou excitada quando as pessoas perceberam o que ela estava prestes a fazer. Esmeralda fez uma pausa e franziu a sua linda testa com o mesmo efeito dramático que Arturo usara antes, depois atirou a arma para ele.

O gigante pegou a faca entre os dentes.

Ta-da.

Eu sabia que era um truque, desorientação e truque de mão, mas eu tinha que admitir que eles fizeram bem. Eu poderia até ter acreditado que era real se eu não tivesse sentido outra rajada da magia de Ar de Esmeralda atravessando o palco, soprando um pouco de fumaça sobre Arturo e obscurecendo-o no momento certo para ajudar com a ilusão.

Ela pegou a mão de Arturo, e os dois se curvaram antes – BANG! – de desaparecerem em mais uma nuvem de fumaça verde.

Todos na multidão se levantaram, batendo palmas, assobiando e vibrando. Até eu participei e aplaudi educadamente.

— Não me diga que a Roda da Morte finalmente te impressionou — disse Bria enquanto descemos pela arquibancada com todos os outros.

— Os truques de salão são bons e legais se o cintilar é tudo o que você está procurando. — Eu disse. — Mas nós duas sabemos que eu uso as minhas facas para... propósitos mais práticos.

Bria bufou novamente, mas ela gesticulou para o palco. — Vamos. Já que parece que Esmeralda é a grande atração por aqui, vamos ver se ela sabe alguma coisa sobre Elizabeth.

— Não prenda a respiração.

Ela encolheu os ombros. — Se eu fizer perguntas suficientes, alguém deixará escapar algo. Eles sempre fazem.

Eu a segui até o palco. Esmeralda e Arturo tinham reaparecido e estavam autografando imagens do parque de diversões e posando para fotos. Bria e eu

paramos e esperamos até que eles terminassem com os seus fãs. Eu olhei para as facas, que estavam escondidas na faixa de Arturo. Elas pareciam lâminas decentes, se bem que um pouco finas, mas pela maneira como as bordas brilhavam, eu percebi que elas eram tão afiadas quanto ele tinha dito no palco. O próprio gigante era extremamente musculoso e mostrava sua enorme força pegando um par de crianças e erguendo-as sobre a cabeça, uma em cada mão, enquanto seus pais tiravam fotos.

Finalmente, todos os autógrafos foram assinados, todas as fotos tinham sido tiradas, e a multidão se afastou, deixando Esmeralda e Arturo sozinhos. Minha irmã se aproximou deles e mostrou um sorriso educado no rosto.

— Olá, sou a detetive Bria Coolidge do Departamento de Polícia de Ashland. Eu queria saber se eu poderia ter alguns minutos do seu tempo...

Ela contou sobre Elizabeth e mostrou a foto da garota desaparecida. Arturo deu uma olhada superficial e encolheu os ombros, mas Esmeralda tirou a foto de Bria e a estudou cuidadosamente. Depois, ela deu também deu de ombros e entregou-a de volta.

— Sinto muito, detetive — disse Esmeralda. — Eu temo não tê-la visto. Como você pode ver, temos muitos adolescentes aqui... é difícil para um deles se destacar. Ora, nós tivemos um grupo tão grande da Cypress Mountain que eles praticamente ocuparam o parque todo algumas noites atrás.

Bria assentiu. Isso era basicamente a mesma afirmação que todos os outros trabalhadores haviam lhe dado, embora parecesse muito mais suave e muito mais sincera vindo de Esmeralda. Ela definitivamente sabia como vender seu ato.

A mestre de cerimônias olhou para Bria e sorriu. — Mas você, por outro lado, é bastante impressionante. Alguma vez alguém já lhe disse que linda pele você tem? Ora, é praticamente *impecável*.

— Hum, obrigada — disse Bria.

Esmeralda continuava a olhar para a minha irmã, como se Bria fosse uma escultura que ela estava admirando. De perto, eu podia ver que a mestre de cerimônias era bem impecável, na verdade. Sua pele era tão pálida e lisa quanto a neve recém caída. Ricos reflexos vermelhos brilhavam em seus cabelos loiros, enquanto seus olhos eram de um tom escuro, com manchas douradas brilhando nas profundezas da cor do uísque.

Arturo notou o interesse da sua chefe em Bria, e olhou para minha irmã um pouco mais de perto antes de olhar para Esmeralda. Ele ergueu as sobrancelhas em uma pergunta silenciosa. Ela piscou para ele e ele assentiu.

A troca rápida me fez pensar no que eles estavam tramando. Fiquei um pouco tensa, mais uma vez pronta para pegar uma das minhas facas se Arturo viesse até nós, mas ele se virou e se dirigiu para a rua principal. Eu me perguntei para onde ele estava indo, mas não o segui. Manter Bria à minha vista era muito mais importante.

Esmeralda não disse nada para mim. Na verdade, ela nem olhou para mim, mas eu já estava acostumada a isso. Meu cabelo castanho escuro e olhos cinzentos não eram tão impressionantes quanto as características clássicas de Bria.

Finalmente, Bria pigarreou. — De qualquer forma, obrigada pela sua ajuda. Eu agradeço a você e aos seus funcionários por tirarem um tempo para olhar a foto.

Esmeralda acenou com a mão. Suas unhas compridas eram do mesmo tom de vermelho sangue do casaco. — Sem problemas, detetive. Você parece com sede. Certifique-se de pegar algo para comer e beber antes de ir para casa. O parque de diversões fica aberto até a meia-noite. Diga a Cathy que a Em te enviou e ela lhe dará um desconto. Eu sempre gosto de ajudar as autoridades locais. Ora, é uma vergonha, os salários baixos que pagam para pessoas tão decentes, honestas e trabalhadoras como você.

Eu tive que morder o lábio para não rir. Ela obviamente não sabia como a polícia era corrupta em Ashland. Com todos os subornos que eles levaram, policiais corruptos por aqui ganhavam muito bem. Alguns deles tinham mansões em Northtown, a parte rica, chique e pomposa da cidade.

— Obrigada — disse Bria, conseguindo manter o rosto mais suave do que o meu. — Nós vamos fazer isso.

Esmeralda nos deu outro sorriso radiante e se aproximou para falar com um dos acrobatas. Mas ela manteve os olhos fixos em Bria o tempo todo.

— Vamos sair daqui — eu murmurei para a minha irmã.

— Sim — disse Bria. — Este lugar está começando a me arrepiar.

— Demorou tanto assim?

Ela encolheu os ombros. Saímos da área do palco e descemos a rua principal em direção à entrada.

— Vamos lá — disse Bria. — Eu perdi o jantar, então nós podemos comer antes de irmos. Estou morrendo de fome.

Entramos na fila de uma das barracas de comida que tinha o nome de *Doces da Cathy*, embora parecesse que Cathy estava servindo a habitual comida de parque de diversões – hambúrgueres, batatas fritas e todos os ingredientes gordurosos no meio. A fumaça da grelha saía do suporte, misturando-se com os cheiros de carne crepitante, raspas de limão e canela. Eu respirei, apreciando os aromas saborosos, e meu estômago roncou em antecipação. Finalmente, foi a nossa vez de pedir.

— O que eu posso fazer para você? — A mulher atrás do balcão nos deu um olhar cansado e desinteressado.

— Eu vou querer um sanduíche de frango grelhado, anéis de cebola e um chá gelado doce. — Bria disse.

— E você? — A mulher olhou para mim.

— Dê-me uma limonada, duas salsichas empanadas com mostarda picante, batatas fritas, um pretzel de açúcar e canela e um cone de algodão doce de cereja — eu respondi.

Bria empalideceu um pouco com as minhas escolhas, mas ela tirou algum dinheiro do bolso da calça jeans e colocou no balcão. Alguns minutos depois, nos sentamos em uma mesa de piquenique de plástico azul à direita do local. Desde que o show principal da noite acabou, a multidão tinha diminuído um pouco, e nós éramos as únicas sentadas nas sombras. Eu fiz a varredura da área. Mais uma vez senti os olhos dos trabalhadores em mim, mas como não parecia que nenhum deles fosse estúpido o suficiente para se aproximar de nós, tomei um gole da minha limonada e então peguei um das minhas salsichas empanadas.

— Você sabe o quão repugnante isso é? — Bria perguntou, franzindo o nariz. — Sem mencionar o que vai fazer com seu coração e artérias.

— É carne em um pedaço de pau, mergulhada em massa e frita — eu disse. — Se Finn estivesse aqui, ele diria que era a comida perfeita da natureza.

Minha irmã sorriu com a menção de Finnegan Lane, que por acaso era seu namorado, além de ser meu irmão adotivo. — Sim, bem, Finn não precisa comer essas coisas mais do que você.

Ao invés de respondê-la, eu mergulhei a salsicha empanada na mostarda e dei uma grande mordida nela. O calor picante da mostarda fez cócegas na minha

língua, enquanto a massa de farinha de milho na salsicha estava crocante por lado fora, mas macia e fofa por dentro. Eu estava com tanta fome quanto Bria, e nós duas começamos a comer. Eu até consegui convencê-la a comer um pouco do pretzel e do algodão doce. Ela resmungou sobre todo o açúcar direto para sua bunda, mas suspirou com contentamento depois que ela deu a primeira mordida no algodão doce.

— Isso estava realmente muito bom — disse Bria quando terminamos.

Ela se levantou, pegou os pratos vazios e gordurosos, e os jogou em uma lixeira próxima. Ela voltou para mim e parou, batendo em algo em seu pescoço. Um segundo depois, ela caiu no chão.

— Bria? Bria!

Eu me levantei e comecei a ir até ela, mas algo picou no meu braço. Eu olhei para baixo. Dardo de penas estava preso no meu bíceps. Eu amaldiçoei e imediatamente arranquei o dardo, mesmo sabendo que já era tarde demais.

— Maldição... tranquilizante... arma... — Eu murmurei quando a percepção do que aconteceu passou pela minha mente.

Eu me virei, procurando pelo meu agressor, mas tudo estava confuso e distorcido, como se eu estivesse olhando para ele através de um daqueles bizarros espelhos do parque de diversões. Ainda assim, eu tropecei para frente, indo em direção a Bria para que eu pudesse ver se ela ainda estava respirando. Mesmo quando eu tentei chegar até ela, eu estava ciente de alguém se esgueirando pelas sombras, se aproximando cada vez mais de nós. Eu pisquei e Arturo entrou em foco por um momento. O gigante segurava uma pequena arma na mão.

A voz de Esmeralda saiu da escuridão: — Tire-as da vista. Rapidamente.

Aquela vadia fez Arturo nos drogar, provavelmente com os mesmos tranquilizantes que usavam no urso dançarino. Ela pagaria por isso – com sangue. Enquanto eu tentei pegar uma das minhas facas para lutar, tudo ficou mais confuso do que antes.

O chão se apressou para encontrar o meu rosto. Meus olhos se fecharam e o mundo ficou preto.

* * *

ACORDEI com meu pescoço torcido em um ângulo estranho. A princípio pensei que estava em casa na cama, mas a noite voltou correndo para mim. Parque de diversões. Garota desaparecida. Questionando os trabalhadores. Esmeralda e sua Roda da Morte. O dardo picando o meu braço.

Como eu não sabia onde estava ou quem poderia estar observando, fiquei parada, apesar de ter entreaberto os meus olhos.

Eu estava em uma gaiola.

Alguém tinha me jogado em uma gaiola, embora as barras fossem feitas de madeira grossa em vez de metal. Meu corpo estava esparramado sobre um monte de feno, que cheirava a algum animal, provavelmente um dos bodes do zoológico. O cheiro de mofo fez meu nariz coçar e se contorcer, mas eu segurei o meu espirro. Pessoas inconscientes não espirravam.

Eu não ouvi nenhum movimento, então eu arrisquei abrir os meus olhos um pouco mais. Parecia que eu estava em algum celeiro improvisado. Tábuas velhas e desgastadas formavam as paredes antes de se arquearem para criar o telhado. Mais algumas gaiolas de madeira, como a que eu estava, estavam no interior do prédio, mas as outras estavam vazias. Ferramentas e outros acessórios cobriam as paredes, e eu vi a grande bola vermelha do urso dançarino, que corria de lado a lado no canto.

Mas a coisa mais importante no celeiro era Bria.

Minha irmã estava a poucos metros de mim, apoiada em um dos carros de palhaço. Eu a observei por alguns segundos. Seu peito subiu e desceu com um ritmo constante, e um pouco da minha preocupação diminuiu. Ela ainda estava respirando, o que significava que tudo o mais que poderia ter sido feito para ela poderia ser consertado. Tudo o que eu tinha a fazer era nos tirar daqui.

Pena que eu não tinha as minhas facas para me ajudar com isso. Arturo deve ter nos revistado, porque eu vi as minhas facas de silverstone em cima de uma mesa de madeira a poucos metros de distância do carro de palhaço. A arma e o distintivo de Bria também estavam ali.

Um gemido baixo soou, e eu lentamente virei minha cabeça para o lado.

Elizabeth Robbins estava em outro carro de palhaço à minha esquerda.

Ela mal se parecia com a garota jovem e bonita na foto que Bria tinha dado para mim. Sua pele estava cerosa e cinzenta, e seu rosto tinha um aspecto oco, magro e encovado, como se estivesse à beira da morte. O cabelo dela estava

emaranhado, e grandes tufos de cabelo haviam caído. As madeixas douradas cobriam seus ombros caídos como o feno na minha gaiola. A única razão pela qual eu sabia que era ela, era porque ela estava usando o mesmo colar de coração de diamantes como na foto que Bria tinha me mostrado.

O que diabos havia acontecido com a garota? Eu não sabia, mas ia tirar ela e Bria daqui antes que as coisas piorassem. Comecei a tentar alcançar a minha magia de Gelo para criar um par de picaretas para que eu pudesse sair da minha jaula quando a porta do celeiro se abriu e Esmeralda e Arturo entraram.

— Eu não acho que isso seja uma boa ideia — disse Arturo enquanto ele apressava-se atrás da mestre de cerimônias. — Quero dizer, essa garota é uma policial. Não uma adolescente mal-humorada.

— Você está brincando comigo? Você não a viu? Ela é *perfeita*, — Esmeralda disse.

Eu mantive meus olhos entreabertos apenas o suficiente para ver a mestre de cerimônias se inclinar e olhar para a minha irmã mais uma vez. Ela acariciou a bochecha de Bria, cavando levemente as unhas na carne da minha irmã.

— Toda esta pele linda e adorável — murmurou Esmeralda, depois estalou a língua. — A juventude é realmente desperdiçada com os jovens.

— Mas alguém com certeza vai procurá-la — disse Arturo. — Quem sabe quantas pessoas sabem que ela viria aqui esta noite? Sem mencionar todas aquelas facas que a outra garota tinha com ela. Você não carrega lâminas de qualidade como essas, a menos que você saiba como usá-las. Você está correndo um grande risco com elas.

Esmeralda se virou para encará-lo com olhos frios. — E você também está, por ousar me questionar. Então, cale a boca e tranque a porta. Está na hora de começar. Precisamos ir embora daqui de manhã.

Arturo apontou seu dedo indicador para Elizabeth, que não se mexeu desde que soltou aquele gemido. — E quanto a ela? Eu pensei que você fosse drená-la totalmente esta noite.

Esmeralda deu de ombros. — Não agora, não quando eu tenho um ótimo exemplar aqui. Abra seu crânio e jogue seu corpo em alguma caverna na floresta como você costuma fazer. Eu não me importo... apenas certifique-se de que ela desapareça. Pelo menos, tempo suficiente para sairmos da cidade.

Drená-la? Do que eles estavam falando? Esmeralda era uma Elemental, não um vampiro.

Recebi minha resposta um segundo depois, quando Esmeralda entrou no carro de palhaço ao lado de Bria. Passou alguns minutos agitando-se, movendo-se primeiro para um lado, depois para o outro, como se precisasse estar o mais confortável possível para qualquer coisa suja que estivesse planejando. Finalmente, Esmeralda pegou a mão de Bria, e seus olhos cor de avelã começaram a brilhar com a sua magia de Ar.

E eu assisti enquanto ela tirava a vida da minha irmã e transferia para si mesma.

O rubor rosado e saudável nas bochechas de Bria desapareceu lentamente, substituído por um uma palidez doentia, e seu rosto começava a ter o mesmo aspecto magro que o de Elizabeth. Esmeralda suspirou satisfeita, e percebi que sua pele estava ficando mais brilhante, mais quente, quase como se ela estivesse tirando o brilho das bochechas de Bria e colocando-o em si mesma.

Meus olhos se estreitaram. Isso era *exatamente* o que ela estava fazendo. Minha amiga Jolene "Jo-Jo" Deveraux era uma Elemental do Ar, que usava sua magia para curar as pessoas. Jo-Jo agarrava oxigênio e todos os outros gases naturais no ar e usava essas moléculas para limpar feridas, restaurar a vitalidade e unir a pele novamente. Esmeralda tinha o mesmo tipo de poder, só que ela estava usando a sua magia do Ar e todas aquelas moléculas para puxar a saúde e o bem-estar de Bria para seu próprio corpo. Drenando a vida da minha irmã como um vampiro sugando todo o sangue de alguém, até que não houvesse mais nada dela e ela morreria.

Eu me perguntei com quantas meninas ela fez isso ao longo dos anos. O parque de diversões era a cobertura perfeita para algo assim. Sem dúvida Esmeralda mandou Arturo pegar uma garota ou duas em todas as cidades visitadas pelo parque de diversões, para drená-las, se desfazer dos corpos, depois fazer as malas e seguir em frente antes que alguém percebesse exatamente o que havia acontecido. Um belo esquema assassino.

Bem, isso ia parar – agora mesmo.

Arturo estava ocupado assistindo Esmeralda, então ele não me viu envolver minhas mãos em torno das duas barras de madeira na minha gaiola. Esqueça as picaretas e foda-se ser sutil. Não com esses monstros. Eu alcancei minha magia de

Gelo, deixando o poder frio borbulhar a partir da parte mais profunda de mim. Luzes prateadas frias surgiram, centradas nas cicatrizes de runas de aranha embutidas nas palmas das minhas mãos, e eu empurrei o poder para fora. Levei apenas um segundo para cobrir completamente as barras com uma polegada de Gelo elemental, empurrando-o para todos os pequenos buracos e rachaduras na madeira.

Esmeralda deve ter me sentido usando a minha magia, porque sua cabeça virou na minha direção. Ela percebeu que eu estava acordada e tentando me libertar. Ela estalou os dedos para Arturo.

— Pegue ela! — Ela sussurrou, aumentando o aperto na mão de Bria.

— Não se preocupe — eu rosnei. — Eu estou saindo.

Eu enviei uma explosão de magia, quebrando o Gelo elemental que tinha sido conduzido profundamente na madeira. As barras da gaiola se quebraram como palitos de fósforo sob os meus dedos.

Arturo correu para a gaiola, mas eu fui mais rápida. Eu me arrastei e fiquei no chão, esperando até que ele estivesse no alcance. Então, eu ataquei com meu pé, pegando o gigante no joelho. Sua perna se dobrou e ele colocou a mão no chão para não cair de cara no chão. Ele cambaleou, e eu fiquei de pé e me lancei para a frente, de modo que fiquei bem na frente dele.

Então, olhando-o nos olhos, peguei uma das facas da sua faixa de couro e o apunhalei no peito com ela.

Ele gritou. Eu sorri e torci a faca mais profundamente, assim como fiz centenas de vezes antes como a Aranha. Sangue jorrou da ferida, respingando na minha mão, rosto e roupas, mas eu não me importei. O gigante estaria sangrando muito mais antes de eu terminar com ele – e mesmo aconteceria com a cadela doente e retorcida da sua chefe.

Arturo gritou novamente e balançou o punho para mim. Desta vez, eu peguei minha magia de Pedra e usei para endurecer a minha pele em uma concha impenetrável. O punho do gigante bateu no meu queixo. O forte golpe não quebrou nenhum dos meus ossos, graças à minha magia, mas ainda havia força suficiente por trás do soco de Arturo para me jogar para longe dele.

Eu bati na bola do urso dançarino e ricochetei, mas assim que eu caí no chão, me levantei de novo, ainda segurando a sua faca. Arturo e eu nos enfrentamos, cerca de seis metros de espaço vazio entre nós. Aparentemente, o

gigante pensou que isso seria uma repetição da performance do que ele fez no palco mais cedo. Ele pegou as facas em sua faixa e começou a jogá-las em mim – só que desta vez ele não estava querendo errar. Não, desta vez, ele apontava para o meu coração.

Thunk!

Thunk! Thunk!

Thunk!

Como eu ainda estava segurando o meu poder de Pedra, eu não me preocupei em me esquivar das facas de Arturo. As lâminas saltaram inofensivamente da minha pele endurecida pela magia e caíram no chão do celeiro, espalhado por todos os lados. Em vez disso, corri em direção a ele, enquanto ele recuou. Mas ele não estava prestando atenção aonde estava indo, e ele bateu contra outro dos carros de palhaço. Os braços de Arturo se moviam com o vento e ele caiu com a bunda no fundo do carro e as pernas compridas pendiam para o lado. Ele ergueu as mãos, tentando me afastar, mas eu bati meu punho endurecido de Pedra em seu rosto, estalando sua cabeça para trás.

— Pegue isso entre os dentes — eu rosnei.

Então, eu enfiei a sua própria faca na garganta do bastardo.

Arturo arqueou para trás, arranhando a lâmina em sua traqueia, então eu o obriguei a arrancá-la. Sangue espirrou em todos os lugares, tão brilhante, grosso e escorrendo como a maquiagem que os palhaços usavam. Ofegando o tempo todo, o gigante apertou a garganta com as duas mãos, como se isso pudesse salvá-lo do ferimento fatal e brutal. Mas, depois de alguns segundos, suas mãos escorregaram da sua garganta ensanguentada e seus olhos escuros se embranqueceram e ficaram vítreos…

Uma explosão de magia do Ar me jogou para o outro lado do celeiro.

Era como ser apanhada e arremessada por um tornado, mas consegui me segurar o meu poder de Pedra enquanto batia na parede distante. As ferramentas de lá tremeram devido à repentina e violenta pancada, mas elas permaneceram em seus pinos. Outra rajada de vento me pegou e me jogou contra a parede novamente antes de me virar e me segurar lá, a sessenta centímetros do chão.

Eu olhei para Esmeralda, que desceu do carro de palhaço e se aproximou de mim lentamente, uma mão estendida na frente dela para ajudá-la a controlar as rajadas de Ar ao meu redor. Os olhos da mestre de cerimônias brilharam com

um avelã cintilante enquanto ela usava sua magia para me manter exatamente onde ela me queria.

— Eu vou te matar por ousar interferir com Esmeralda, a Incrível! — Ela berrou.

— Oh, não faça promessas que você não pode cumprir, docinho — eu disse lentamente.

Eu empurrei contra a sua magia com os meus próprios poderes de Gelo e de Pedra, levantei o meu braço, e atirei a faca que eu ainda estava segurando.

Esmeralda gritou, jogou as mãos para o alto e mandou uma explosão aleatória de magia do Ar. A forte rajada de vento derrubou a faca e a arma navegou inofensivamente para a esquerda. Mas meu ataque tinha arruinado sua concentração, e a sensação da sua magia de Ar rapidamente se reduziu a um mero sussurro de uma brisa. Eu escorreguei pela parede até os meus pés, então peguei outra das facas de Arturo de onde ela havia caído no chão e me dirigi em sua direção.

Mas a cadela se recuperou rapidamente. Ela jogou outra rajada de Ar mágico em meu caminho, me forçando para trás enquanto ela corria para a porta do celeiro. Eu comecei a ir atrás dela, mas meus pés se enroscaram em uma pilha de botas de palhaço de grandes dimensões. Amaldiçoando, eu me livrei da bagunça, mesmo sabendo que não ia ser rápida o suficiente para pegá-la antes que ela corresse para fora...

Click.

Esmeralda conhecia aquele som tão bem quanto eu. Ela congelou, depois se virou lentamente. Bria tinha uma mão apoiada na lateral do carro de palhaço para se manter de pé. Com a outra mão, ela apontava para o peito da mestre de cerimônias.

Em algum momento durante a luta, minha irmã acordou, saiu do carro de palhaço e cambaleou até a mesa onde estava a sua arma. Desleixado, desleixado, desleixado da parte de Esmeralda não ter colocado a arma em algum lugar mais seguro. Por outro lado, ela não tinha planejado que Bria fosse acordar para poder usá-la.

Bria nivelou a arma no coração da mestre. — É desnecessário dizer que você está presa — falou ela.

Esmeralda ficou onde estava, embora eu pudesse vê-la tentando pensar em uma maneira de escapar. Fiquei parada ao lado da minha irmã, tomando cuidado para não entrar em sua linha de fogo.

— Você está bem? — eu perguntei.

Bria assentiu. — Além de me sentir completamente exausta, estou bem. O que ela fez comigo?

— A mesma coisa que ela fez com Elizabeth e eu acho que com muitas garotas — eu disse. — Ela estava usando a sua magia do Ar para tirar a sua vida.

Esmeralda riu, o som feio saltando dentro do celeiro. — Não a vida, sua idiota. A *beleza*.

— E por que você precisaria da minha beleza? — Bria perguntou. — Você tem a sua.

Esmeralda soltou outra risada, então gesticulou para seu próprio rosto e corpo. — Por favor. Você não tem ideia de quanto tempo e trabalho eu precisei para parecer assim. As dietas, os cremes faciais, a maquiagem. E quando finalmente fiquei perfeita, sabe o que aconteceu?

Nem Bria nem eu respondemos, mas não precisávamos.

— Velhice — Esmeralda sibilou, como se fosse a coisa mais vil de todas. — Cabelos grisalhos, rugas, flacidez. Ninguém quer ver isso. Ninguém paga para ver a velha no parque de diversões. Todos querem se aproximar da bela jovem no centro do ringue. Mas eu descobri uma maneira de parar isso... parar tudo isso.

— Sim, — eu disse. — E tudo que você tinha que fazer era matar um monte de garotas inocentes.

Esmeralda deu de ombros. — A juventude é desperdiçada com os jovens... e a beleza também. Se elas não eram fortes o suficiente para manter a delas, então isso foi culpa delas, não minha.

— Bem, acabou, — Bria disse. — Você vai para a cadeia, onde você pertence. Eu me pergunto quanto tempo vai demorar para que toda a sua beleza roubada desapareça. O que você acha, Gin? Seis meses?

— Não, — eu disse. — Não com toda aquela magia que ela desperdiçou tentando me matar. Eu daria a ela um mês, dois no máximo, antes de ela parecer ter a sua verdadeira idade, seja lá qual for. Não vai ser bonito, não é, Esmeralda? Triste, já que sabemos que é só com isso que você se preocupa.

O pânico preencheu os olhos da mestre de cerimônias, e seu olhar disparou para a esquerda e para a direita, mas não havia saída e nem para onde correr. A bruxa finalmente foi pega, e logo todos a veriam exatamente como ela era – verrugas, rugas e tudo mais.

— Eu prefiro morrer! — Ela gritou.

Esmeralda alcançou a sua magia do Ar para atirar em nós. Aumentei o aperto da faca na minha mão e me dirigi para ela, determinada a acabar com a mulher de uma vez por todas...

Crack! Crack! Crack!

Bria atirou no peito dela três vezes.

Os olhos de Esmeralda se arregalaram de dor e surpresa. Sua boca se abriu amplamente, como se ela fosse gritar, mas o único som que escapou dos seus lábios foi um suave arfar, como o ar vazando de um balão. Ela tombou no chão, o sangue encharcando o feno ao redor dela.

Esperei até meus ouvidos pararem de soar, depois olhei para a minha irmã. — Por que você fez isso? Eu teria cuidado dela.

— Eu sei, — Bria disse em uma voz sombria. — Mas quem sabia o que mais ela poderia ter tentado fazer com você com a sua magia do Ar? Ela poderia ter tentado sufocá-la com isso ou algo pior. Eu não queria correr esse risco, e eu especialmente não queria que ela te machucasse como ela me machucou... como ela machucou todas aquelas outras garotas.

Eu assenti. Bria me protegendo, se importando comigo, lutando lado a lado comigo, era algo que eu ainda estava me acostumando, depois de ela ter estado longe por tantos anos. Mas manter a sua família em segurança, não importando como, era uma necessidade que eu entendia muito bem. Às vezes eu pensava que era a *única* coisa que eu entendia. Bem, isso e vingança. E, às vezes, elas eram a mesma coisa.

Bria pegou o seu distintivo de cima da mesa enquanto eu colocava as minhas facas em seus lugares habituais. Então, nós nos aproximamos da mestre de cerimônias – pelo menos, do que restava dela. A morte extinguira a magia que sustentara Esmeralda e seu corpo já estava começando a se deteriorar. As rugas marcavam sua pele antes lisa, o cabelo grisalho e as unhas perfeitas e pintadas de vermelho sangue tinham se soltado de seus dedos nodosos e deformados. Ela parecia que estava morta há meses, em vez de apenas alguns minutos.

— Quantos anos você acha que ela tinha? — Bria perguntou.

Eu encolhi os ombros. — Não importa muito agora, não é? Porque ela está tão morta quanto poderia estar.

Enquanto Bria tirava o celular da calça jeans e chamava os colegas de azul para relatar o que tinha acontecido, fui até o carro de palhaço onde Elizabeth estava deitada.

Coloquei a mão na testa dela. Ela estava fria ao toque, mas ela ainda estava viva. Jo-Jo poderia cuidar do resto. Elizabeth acordou com a sensação da minha mão em sua pele, seus olhos arregalados de pânico e medo. Eu gentilmente apertei seu ombro, deixando-a saber que tudo estava bem. Depois de um momento, quando ela percebeu que não era Esmeralda pairando sobre ela, seu rosto relaxou.

— Tudo bem, querida — eu disse em uma voz suave. — Você está segura agora.

Elizabeth assentiu, e seus olhos se fecharam de exaustão mais uma vez. — Eu costumava gostar de parque de diversões — ela disse. — Já não gosto mais.

Eu sorri, mesmo que ela não pudesse ver. — Eu conheço o sentimento.

* * *

BRIA E EU ficamos no parque de diversões até tarde da noite. Além de chamar os policiais, Bria também ligou para Fran, a tia da menina. Vi quando Fran saiu do carro, correu até onde Elizabeth estava descansando atrás do sedan de Bria e abraçou a sobrinha com força. Jo-Jo estaria aqui em poucos minutos para curá-la completamente, e a menina ficaria tão bonita e jovem como a chuva em breve.

Bria disse algo para elas, então se dirigiu em minha direção. Eu estava sentada em cima da cerca que delimitava a clareira, e ela subiu ao meu lado.

— Elizabeth deve ficar bem em alguns dias — disse ela. — Parece que Esmeralda não fez nenhum dano duradouro. Eu falei com Jo-Jo ao telefone. Ela disse que como Esmeralda não drenou completamente Elizabeth, é mais ou menos como se Elizabeth estivesse sofrendo de desidratação severa. Um pouco de magia do Ar e muito líquido, e ela ficará bem.

Eu assenti. — Bom.

— Eu também liguei para Finn e pedi para ele fazer uma pesquisa sobre o parque de diversões — disse Bria. — Ele encontrou um artigo de jornal antigo do início do século XIX que falava sobre um Parque de diversões das Maravilhas Maravilhosas. A atração principal era um ato de arremesso de facas que mostrava uma mulher particularmente bonita.

— Esmeralda, a Incrível.

Ela assentiu. — Não há como dizer quantas pessoas ela assassinou ao longo dos séculos para se manter jovem. Dezenas, talvez até centenas. Já começamos a entrar em contato com as autoridades policiais em outras cidades onde o parque de diversões passou para que possamos analisar todos os relatórios de pessoas desaparecidas.

Imaginei que seria algo assim. — E os outros trabalhadores do parque de diversões? Todos estavam envolvidos nisso?

Bria sacudiu a cabeça. — Aparentemente, Arturo foi o único que realmente ajudou a raptar e matar as meninas. Os outros trabalhadores nunca foram autorizados a entrar naquele celeiro que montavam em cada local do parque de diversões, por isso nunca viram o que Esmeralda fazia com as meninas. Os trabalhadores estavam desconfiados, mas a maioria deles estava com muito medo de Esmeralda para realmente investigar. Preciso voltar e terminar de entrevistá-los. Não deve demorar muito mais.

— Eu vou esperar por você, — eu disse.

Bria assentiu, pulou da cerca, e voltou para a multidão de policiais. Os trabalhadores do parque de diversões que também estavam aglomerados, parecendo em estado de choque. Eu me perguntava o que aconteceria com o parque de diversões agora – se ele continuaria ou se os trabalhadores teriam que encontrar outro trabalho. Eu tinha a sensação de que as maravilhas maravilhosas já não existiriam, assim como Esmeralda e Arturo.

Desde que Bria estava ocupada, eu saí do meu poleiro em cima do cerca e passei a perambular pelo parque de diversões. Finalmente, acabei no palco principal. Subi as escadas e olhei para as arquibancadas. Elas estavam vazias agora, mas eu quase podia ouvir o rugido da multidão, sentir o calor dos holofotes, ver as pessoas com os olhos fixos em mim. Esmeralda amava tanto isso que ela havia assassinado por isso. Bem, eu suponho que as pessoas tinham assassinado por menos – inclusive eu.

Eu estava prestes a deixar o palco quando notei um balde de maçãs ao lado da Roda da Morte. Olhei ao redor, mas ninguém estava à vista, então me aproximei e peguei uma maçã. Espetei o fruto em um pedaço de compensado que havia se partido na roda – exatamente onde o coração de Esmeralda deveria estar, se ela estivesse na engenhoca. Quando fiquei satisfeita de que a maçã ficaria no lugar, fiz a Roda da Morte girar em ritmo vertiginoso. Depois caminhei para o lado oposto do palco, vários metros atrás de onde Arturo tinha ficado.

Eu espalmei uma das minhas facas de silverstone. Segurei-a na mão por um momento, depois a virei, peguei na lâmina e atirei na direção da roda giratória.

Thunk!

A maçã explodiu em pedaços.

Ta-da.

Sorri. A roda diminuiu, e eu fui e puxei a minha faca do compensado. Eu atirei a lâmina para o ar antes de pegá-la com facilidade e fiz uma reverência baixa para as arquibancadas vazias.

— Esta velha garota ainda tem isso — eu murmurei, endireitando-me. — Truques de salão e muito mais.

Assobiando, eu deslizei a minha faca de volta na minha manga e deixei a Roda da Morte e o palco para trás.